

# ESTÉTICA E LINGUAGEM EM WITTGENSTEIN: CRÍTICA À ONTOLOGIA DO BELO E À CAUSALIDADE

## AESTHETICS AND LANGUAGE IN WITTGENSTEIN: CRITICISM OF THE ONTOLOGY OF THE BEAUTIFUL

Daniel Pala Abeche<sup>1</sup>

**Resumo:** Wittgenstein não se dedicou estreitamente à estética, entretanto, o tema perpassa o itinerário epistemológico do filósofo de forma fulcral. No *Tractatus Logico-Philosophicus*, a estética –assim como a ética- é relegada à inefabilidade, posteriormente esta assume caráter crucial no pensamento tardio do autor e é representada pelo conceito de *ver aspectos* nas *Investigações Filosóficas*. Mas é nas *Aulas e Conversas Sobre Estética, Psicologia e Fé Religiosa* que encontramos um olhar crítico do autor em relação a uma possível ontologia do belo e à causalidade estética. Para o autor, no combate ao nominalismo, ao expressar-se sobre arte há necessidade de se compreender os jogos de linguagem e formas de vida. Assim, Wittgenstein critica o *belo* como objeto da estética e sugere que a normatividade substitua o adjetivo interjetivo como manifestação da expressão estética. Outrossim, o filósofo atribui a compreensão da arte ao fluxo da vida, às impressões relacionadas com as vivências e experiências de quem é exposto a uma obra de arte, e não à causalidade.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. Estética. Linguagem. Causalidade.

**Abstract:** Wittgenstein did not devote himself closely to aesthetics, however, the theme runs through the epistemological itinerary of the philosopher in a important way. In the *Tractatus Logico-Philosophicus*, aesthetics-as well as ethics-is relegated to ineffability, later on it assumes a crucial character in the author's late thinking and is represented by the concept of seeing aspects in *Philosophical Investigations*. But it is in the *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Beleaf* that we find a critical view of the author regarding a possible ontology of beauty and aesthetic causality. For the author, in the fight against nominalism, when expressing itself on art there is a need to understand the language games and ways of life. Thus, Wittgenstein criticizes the beautiful as the object of aesthetics and suggests that normativity substitutes the adjective interjective as a manifestation of aesthetic expression. Moreover, the philosopher attributes the understanding of art to the flow of life, the impressions related to the livingness and experiences of those who are exposed to a work of art, and not to causality.

**Keywords:** Wittgenstein. Aesthetics. Language. Causality.

### 1. Considerações iniciais

É notório que Wittgenstein não formulou de fato uma teoria estética, entretanto, a temática perpassa o itinerário epistemológico do autor desde suas anotações nos *Diários*, principalmente em 1916, até citações cruciais no *Tractatus logico-*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela PUCPR e professor da Escola de Comunicação e Artes da mesma Instituição. E-mail: danielpala@gmail.com

*philosophicus* e nas *Investigações Filosóficas*. O arquivo do autor que contém, com mais afinco, estudos estéticos é *Aulas e Conversas sobre estética, psicologia e fé religiosa*, e mesmo este não é de fato um livro escrito pelo filósofo, mas um compilado a partir de notas recolhidas nas aulas de Wittgenstein por Yorick Smythies, Rush Rhees e James Taylor.

Ademais ao fato notório da influência da Viena *fin de siècle* no pensamento e vida de Wittgenstein, seu gosto pela música – que mostra-se especialmente importante em todo seu percurso filosófico- e pela arquitetura, o filósofo não encontra representatividade evidente nos estudos estéticos, comparado a outros filósofos que abordaram de forma mais contundente tal temática. Entretanto, suas concepções sobre o tema são valorosas e influenciaram teorias de importantes filósofos contemporâneos, como Roger Scruton, cuja tese estética pautada na filosofia da mente é diretamente impactada pelo pensamento do filósofo austríaco. Outros autores estetas que beberam na fonte wittgensteiniana foram Garry Hagberg, Morris Weitz, Antonia Soulez, Richard Eldridge e Stanley Cavell; para citar alguns dos mais reputados.

Uma importante contribuição de Wittgenstein para a estética – e ainda pouco investigada- refere-se às críticas das interjeições da descrição estética pautadas em adjetivos como o *belo*. E se os estudos da arte centraram-se em uma ontologia do belo, objeções deveriam ser feitas sobre tal metodologia, para o autor. Assim, em nossa pesquisa, analisaremos brevemente a aparição da concepção estética no *Tractatus logico-philosophicus*<sup>2</sup> e nas *Investigações Filosóficas* e passaremos à investigação central motivadora deste artigo, que busca elucidar o olhar crítico de Wittgenstein em relação a uma ontologia do belo.

## **2. A estética no TLP e nas *Investigações Filosóficas***

A estética aparece no TLP de forma impactante: “Ética e estética são uma só” (TLP 6.421). A arte não pode ser figurada na proposição lógica, seguindo as diretrizes da teoria pictórica, central no pensamento wittgensteiniano à época da obra. Ao referir-se à concepção estética tractariana, Glock (1998, p.139) afirma:

---

<sup>2</sup> A partir de agora, vamos nos referir à obra como TLP. As outras obras de Wittgenstein também serão referenciadas por suas siglas. Para verificar a correspondência com a obra em questão, consultar as Referências, no final do artigo.

A despeito de seu interesse pessoal, as observações iniciais de Wittgenstein sobre estética constituem aplicações críticas de um sistema filosófico, sua versão particular do idealismo transcendental de Schopenhauer.

Wittgenstein, então, relega a estética à inefabilidade e sob esse ponto de vista, as artes podem manifestar coisas que não podem ser ditas (SCHROEDER, p. 612), este, um dos pontos fulcrais do TLP, denota a distinção entre fatos e valores, entre aquilo que se pode ser expresso na forma proposicional, dentre os limites da linguagem e possibilidade de figuração no mundo, admitindo assim uma condição de verdade ou não e aquilo que não pode ser expresso através da forma lógica, a saber: a própria lógica, a ética e a estética. Ou seja, a estética assume a posição de excesso na obra.

Nas Investigações Filosóficas, o conceito de *ver aspectos* exemplifica a importância estética no pensamento tardio de Wittgenstein, demonstrando que agora o amparo da estética não é mais a inefabilidade, nem a engessada estrutura lógica, mas o chão duro da práxis, habitado pelas inúmeras formas de vida (*lebensform*). A filosofia wittgensteiniana adquire movimento, o sujeito não encontra-se mais na borda do mundo, mas inserido neste:

É importante caracterizar o conceito de aspecto, porque ao ser a peça conceptual central do modo como Wittgenstein compreende a percepção humana, os seus mecanismos são essenciais para compreender a visão estética, porque a visão estética implica uma alteração da visão sem a qual só existem objetos indiferenciados, simples partes da natureza. (CRESPO, 2011, p. 253)

A visão estética, então, adquire status fundamental no pensamento de Wittgenstein. *Ver aspectos* possibilita visualizar sob diferentes perspectivas; quando um aspecto se revela o sujeito vivencia a mudança do aspecto. Conforme pontua Gebauer (2013, p. 21), “não é a linguagem, mas a visão que lhe abre um acesso a essa experiência. Na visão, ele experimenta um sentimento inexprimível de sua própria existência”. O autor ainda ressalta como Wittgenstein busca um modo de observação da vida análogo ao modo de observação de uma obra de arte, da perspectiva de cima, em voo, *sup specie aeternitatis*. Ou seja: “o mundo costumeiro é, de um lado, visto a partir da práxis cotidiana, e do outro, da visão do voo do pensamento” (Gebauer, 2013, p. 32).

Se a estética surge em fundamentais teses, mas de forma discreta, no TLP e nas *Investigações Filosóficas*, é nas *Aulas e Conversas sobre Estética, Psicologia e Fé*

*Religiosa*- um compilado de anotações feitas pelos alunos de Wittgenstein, como vimos- que a temática conquista centralidade.

### 3. O enigma estético

A abordagem muito privilegiada de Wittgenstein dos problemas estéticos rompe radicalmente com o modo como os filósofos-professores (Kant, Hegel) abordaram a estética, isto é, sem ter contato pessoal com a arte e os artistas (CHAUVIRÉ, 1989).

O meio cultural inspira a concepção estética wittgensteiniana, dando uma prova da influência profunda da Viena *fin de siècle* no pensamento do autor, e como estes ecos ressoam em toda a obra do filósofo, extravasando as comumente associações direcionadas ao TLP. O vienense revoga a apreciação estética correta ao contexto cultural em que está inserido o sujeito. “Aquilo que pertence a um jogo de linguagem é toda uma cultura” (AC, p. 27), e assim como é peculiar à sua segunda filosofia, utiliza-se de exemplos para explicitar seu pensamento, no caso, fatos inerentes à realidade do pensador. “Nos círculos aristocráticos de Viena as pessoas tinham [um certo] gosto, que depois penetrou nos círculos burgueses e as mulheres entraram para os coros etc. Eis um exemplo de tradição em música” (AC, p. 27).

A estética para Wittgenstein se apresenta como um enigma. O enigma estético decorre dos efeitos que as artes têm sobre nós e se manifesta na exterioridade, sua significação está nas vivências e experiências do fluxo da vida. “A compreensão da música não é uma sensação, nem uma série de sensações. No entanto, é correto chamá-lo uma vivência [...]” (Z 165).

Além de enigmático, o elemento estético, para Wittgenstein, configura-se com perplexidade, “[...] há uma surpresa constante em cada nova partida que a linguagem nos prega ao entrarmos num novo domínio” (AC, p. 16), diz o filósofo ao citar a analogia da linguagem com a caixa de ferramentas, expressa posteriormente nas IF. Em mais um de seus exemplos cotidianos, o filósofo compara a experiência estética a de vestir um calçado pela primeira vez, sempre existe certa estranheza até que o calçado fique confortável, assim também é quando somos expostos pela primeira vez a determinada obra.

#### 4. Wittgenstein contra uma ontologia do belo

A estética possui grande valor em Wittgenstein. Em uma passagem de CV o autor sugestiona que a filosofia só poderia ser poesia. Sob tal aspecto, CRESPO considera:

Primeiro, o que Wittgenstein diz é que se trata de uma afirmação que resume sua posição filosófica e não que a sua atividade é poética. Segundo, não afirma que a sua filosofia seja poesia, mas sim que a filosofia deveria poder ser um poetar e, sabemo-lo, não o é. Terceiro, em nenhum momento Wittgenstein se refere à atividade da escrita poética como a boa imagem para descrever a sua posição ou esforços filosóficos (CRESPO, 2011, p. 304)

Sobre a relação com a poesia ainda é cauteloso ressaltar a importância que as metáforas e as relações analógicas terão na filosofia tardia de Wittgenstein. O filósofo também afirma uma “estranha semelhança” entre uma investigação filosófica e uma investigação estética. Wittgenstein era apaixonado por música e literatura, e este apreço (principalmente pela música) ressoa em toda a sua obra, inclusive em suas anotações. Aliás, em tais anotações, demonstra profundo conhecimento dessas artes. O vienense, após tentar desenhar e esculpir, inclusive trabalhou por poucos anos como arquiteto ao lado de Paul Engelmann. Para Wittgenstein, a arte não deveria receber um tratamento abstrato pela filosofia. Ela pertence mais à crítica da arte do que à filosofia, propriamente dita, e deveria ser endereçada a uma audiência que compartilha específicos “gostos” culturais (SCHROEDER, 2017). Wittgenstein desaprovava a curiosidade superficial e considerava *correto* o modo ideal da apreciação estética, o que confere ao autor uma visão normativa da arte. Tal identificação, como por exemplo a de ouvir uma sinfonia do *modo correto*, possui uma aprendizagem idêntica a de identificação de um sonho: “Como aprendemos ‘Sonhei com isto’? O que é interessante é que não aprendemos esta expressão porque nos foi mostrado um sonho” (AC, p.16). Aqui Wittgenstein critica mais uma vez a definição ostensiva e o modelo figurativo da linguagem pautado em colar etiquetas nas palavras tão caro ao TLP, e finaliza: “se nos perguntarmos como aprende uma criança ‘belo’, ‘ótimo’ etc, descobriremos que aprende estas palavras mais ou menos como interjeições” (AC, p.16).

Assim, Wittgenstein considera mais relevante na apreciação estética o uso de termos como *certo* ou *correto*. Ou seja, em relação aos adjetivos estéticos como “belo”, o austríaco, então, nega o nominalismo e atribui a tais elementos maior

relevância ao emprego das palavras em relação às formas destas, valorizando o jogo em que elas aparecem, e também relaciona o uso de determinados termos às determinadas épocas, atribuindo a estes o valor cultural previamente explanado. Sobre tal aspecto, Glock (p. 140) é contundente ao retratar a visão do filósofo:

É um erro concentrar a atenção somente em um pequeno grupo de termos como “belo” ou “feio”. Eles são usados basicamente como interjeições e ocupam um lugar praticamente “desprezível” no que tange as nossas reações em relação às obras de arte ou às belezas naturais.

Dorffles (1967) ainda pontua que para Wittgenstein, o equívoco dos estudos estéticos centra também na investigação dos termos “belo” e “magnífico” sem analisar previamente como estas palavras se organizam na mente de cada indivíduo, pontuando também a relevância maior no jogo em que aparece estes termos em detrimento às formas destes, o que contraria a visão predominante na Estética, cuja preocupação até então, era justamente levar adiante o projeto de uma ontologia do belo. Wittgenstein critica tal empreitada: “O termo (Estética) é muito vasto e tanto quanto vejo completamente mal compreendido” (AC 1). O filósofo ainda evidencia na mesma passagem: “‘Belo’ [e ‘bom’ – R] é um adjetivo, e por isso tendemos a dizer: Isto tem uma certa qualidade, a de ser belo”. Entretanto o belo torna-se substantivo na linguagem filosófica ou estética, “o predicado torna-se sujeito e pode, por sua vez, ser predicado, como diriam os lógicos; assim, quando nós dizemos “o belo é um conceito”, ou “o belo é o denominador comum de todas as coisas belas” [...]” (Dufrenne, 1998, p. 35). Na concepção tractariana, como já exposto, este, por ser um valor e pertencer ao inefável, ao transcendental, não pode ser expresso por proposições lógicas, está no limite do que pode ser dito, visão que no pensamento tardio do autor se modifica. Posteriormente a analogia que o filósofo faz da linguagem com a caixa de ferramentas nas IF denota o significado através do uso, rompendo com a figura conceitual de que palavras funcionam com um único sentido; tal asserção poderia ser atribuída à própria concepção, então, das terminologias tão buscadas pela estética, como “belo” ou “magnífico”, referendando a atribuição do significado ao uso. Precisáramos compreender como tais palavras são utilizadas em jogos específicos, por comunidades e culturas específicas; as palavras não possuem sentidos unívocos, elas dependem dos jogos em que aparecem. Aparentemente, não só a filosofia deveria ser crítica da linguagem, mas a própria estética, pois antes de utilizarmos adjetivos como interjeições,

deveríamos compreender a complexa situação em que a expressão estética toma lugar. O filósofo identifica então que o principal erro feito pela filosofia de sua geração é, ao analisar a linguagem, focar na forma das palavras e não no uso feito das formas das palavras.

A partir das IF - e também nas AC- Wittgenstein deixa claro que não é possível definir essencialmente conceitos genéricos, fator que consolidaria ainda mais sua crítica ao nominalismo a que a estética até então recorreria, e referendaria ainda mais o antiessencialismo pertinente ao pensamento tardio do autor..

## 5. Wittgenstein e a negação da causalidade

Outro fator importante é que Wittgenstein mantinha uma visão de que a arte, de fato, deveria ocupar um lugar que extravasa simplesmente o prazer: “Hoje em dia as pessoas pensam que os cientistas existem para as instruir; que os poetas, os músicos etc, existem para lhes proporcionar prazer. A ideia de *que estes tenham algo para lhes ensinar* não ocorre” (CV, p. 61).

O austríaco também nega uma relação entre estética e psicologia (SCHROEDER, 2017; GLOCK, 1998). Ele se opõe à ideia de o valor estético de um objeto pertencer a um efeito psicológico positivo em uma audiência. Assim, nega explicações causais para as experiências estéticas. Os mecanismos causais, com os quais Freud intencionou justificar e explicar a origem das neuroses e do impulso criador artístico são considerados de valor duvidoso, quando busca-se uma explicação causal para o prazer estético (DORFLES, p. 107). Wittgenstein se opõe, assim, às teorias hedonistas, negando uma relação causal entre atividade estética e prazer ou desprazer. “Um dos argumentos constantes em Wittgenstein é que o pensamento não é um estado ou uma pseudo-entidade, nem a sua psicologização lhe interessa: trata-se de um acontecimento da linguagem” (CRESPO, p. 36). Nesse sentido, Wittgenstein trabalha com certo disposicionalismo, ou seja, uma disposição para ação, um conjunto de elementos reunidos que possibilitam uma condição disposicional para a compreensão. E aliada à esta disposição, está a sensação de prazer no momento da compreensão, “o sentimento que acompanha a descoberta daquilo na linguagem se esconde: os tais feitiços metafísicos [...]” (CRESPO, p. 37). Desta forma, clarifica-se a negação relacional entre atividade estética e a causalidade. Assim como para compreender o TLP – e também as *Observações filosóficas*, como alertado pelo autor em ambos os prefácios

-, é preciso compreender o espírito do filósofo, a compreensão –e consequente sensação de prazer - de uma obra de arte está relacionada ao domínio de determinadas técnicas.

Wittgenstein considerará as *impressões* que as obras de arte provocam: “um poema produz em nós uma impressão quando o lemos” (Z 170). Ao refletir sobre as impressões que um poema produz em nós, o austríaco aponta: “Mas lembras-te certamente de sensações e imagens enquanto lês, que estão ligadas ao prazer, à impressão. – Mas estas adquirem significado apenas através do contexto em que estão inseridas” (Z 170). O filósofo elenca então fatores que possibilitam a compreensão do poema, “através da leitura deste poema, pela minha familiaridade com a sua linguagem métrica e inúmeras associações”. O sentido, assim, está no fluxo da vida, as impressões estão relacionadas com as vivências e experiências de quem é exposto a uma obra de arte, e não à causalidade.

O filósofo busca então negar a concepção mecanicista do funcionamento do espírito, alegando que o julgamento estético não pode ser objetivamente conhecido; para tanto, Wittgenstein relegará a compreensão da obra de arte (assim como da linguagem) ao aspecto conceitual, acompanhado de uma fenomenologia. Chauviré (1989, p. 112) descreve tal processo:

Na abordagem fenomenológica de Wittgenstein, que deve muito à psicologia da forma, a compreensão é assimilada à apreensão súbita de uma configuração global na música que se ouve, ato de reconhecimento em que o elemento acústico puro é indissociável do elemento interpretativo.

Wittgenstein associa a compreensão metaforicamente a um “clique”, a algo que se ajusta e então passamos a entender a coisa. A relação entre os signos não é causal, como já vimos, mas é interna. “É de repente que um trecho de música se organiza para nós de determinada maneira, e o entendemos então de imediato *como* uma valsa, ou *como* uma marcha (cf. o reconhecimento de um rosto num desenho)” (CHAUVIRÉ, 1989, p. 112). No entanto, ao associar Wittgenstein a uma fenomenologia, é necessária extrema cautela. Para Salles (2006), a temática merece toda reticência possível. Para Wittgenstein, “uma linguagem fenomenológica seria a descrição do imediatamente percebido sem qualquer ingrediente hipotético, como um retorno plástico à experiência originária ou a uma visão primordial tornada inocente” (APUD Salles, p. 19). O filósofo ainda afirmaria em célebre aforisma (53) nas *Anotações sobre as cores*: “Embora não



haja fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos”; para Wittgenstein proposições fenomenológicas tornam-se proposições gramaticais, que se originam na experiência. Salles conclui que para nosso filósofo a fenomenologia possui duas faces: “esse voltar-se ao imediato da experiência como fundante, por um lado, e a procura de relações internas, por outro” (p. 28).

## 6. Seguir Regras nas Artes

Outro ponto de intersecção importante a ser considerado entre a investigação filosófica da linguagem e o trabalho em estética em Wittgenstein é o seguimento de regras. O filósofo, em suas investigações estéticas, chama os significados que a arte invoca (*kinds of things meant by esthetics*) de “apreciação”: “A palavra de que devíamos falar é ‘apreciado’. Em que consiste a apreciação” (AC 24); ‘Não sei como se pode comparar a apreciação que Frank Dobson tem pela arte negra com a apreciação de um negro educado” (AC 28). Wittgenstein recorre mais uma vez ao exemplo cotidiano para clarificar seu pensamento, desta vez considera um homem em busca do tecido ideal em um alfaiate, “o fato de ele ser um apreciador não é indicado pelas interjeições que usa mas pelo modo como escolhe, seleciona etc” (AC 19), e o filósofo recorre novamente ao exemplo musical para elucidar suas investigações, “Do mesmo modo em música: <Está equilibrado? Não. Os baixos não estão suficientemente fortes. Aqui quero uma coisa diferente...> É a isto que se chama uma apreciação” (AC19). Em ambos os exemplos, Wittgenstein ancora seu raciocínio, mesmo que implicitamente, ao seguimento de regras, ao hábito, a forma recorrente de realizar determinada atividade, “escolhe, seleciona [...] não estão suficiente fortes”.

Para tentar então esclarecer do que se trata a apreciação, Wittgenstein a relaciona com a cultura e com o modo correto, cuja tríade é fundamental para compreender as investigações estéticas do filósofo. A apreciação é possível muitas vezes através do modo correto, outras vezes não tem relação com este, mas a apreciação não pode ser considerada à parte da cultura, a linguagem e o juízo estético estão intimamente relacionados com a cultura de um período. “Para descrever o seu uso ou para descrever aquilo que queremos dizer quando falamos num gosto culto, temos de descrever uma cultura” (AC 25). Em nota de rodapé, Taylor ainda comenta “Descrever completamente um conjunto de regras estéticas significa de fato descrever a cultura de um período”. “Aquilo que pertence a um jogo de linguagem é toda uma cultura” (AC 26). Nestas

passagens, mais uma vez verificamos a presença do seguimento de regras como basilares para o funcionamento da linguagem e da apreciação estética

Mais uma vez o nominalismo entra em crise, pois o próprio termo “apreciação” pode apresentar diferentes sentidos em épocas e culturas distintas. O significado do termo e a forma de apreciação estética da Idade Média e da Viena *fin de siècle*, por exemplo, são completamente distintos, e mais uma vez, para a sua compreensão efetiva, deveríamos jogar os jogos em que o termo aparece. Para a apreensão do sentido da “apreciação”, então, Wittgenstein novamente exemplifica seus usos, já que: “Descrever aquilo em que consiste a apreciação não é apenas difícil, é impossível. Para descrever aquilo em que esta consiste teríamos de descrever completamente o seu enquadramento” (AC 20). Em uma atitude metafilosófica, Wittgenstein, assim como em todo seu itinerário filosófico, mostra aquilo que não se pode dizer.

## 7. Considerações finais

Wittgenstein não apresentou de fato um estudo organizado sobre a estética, entretanto, vimos que esta é ponto de grande relevância no pensamento do autor que, ao criticar o uso do *belo*, leva adiante o empreendimento de combater os enfeitiçamentos da linguagem. A Filosofia, representada por seus estetas, dedicou-se amiúde a compreender a essência do belo, mas a descrição estética não pode ser dada aprioristicamente. É necessário compreender o contexto em que tais descrições são expressas, e uma análise embasada nas *Investigações Filosóficas*, amparada pelos jogos de linguagem e formas de vida, seria uma solução para proferir descrições estéticas mais assertivas.

Ainda, tais descrições não são ideais, pois a estética é amparada pela normatividade, e termos como *correto* mostrariam-se mais eficientes. Em tempo, o autor busca também combater uma estética pautada no psicologismo e na causalidade, encontrando no seguimento de regras, na cultura e no modo correto alternativas ao nominalismo.

A satisfação estética, então, é uma experiência possível apenas em um contexto cultural, que ocorre não de forma causal ou mecânica, mas é fenomenologicamente imediata, que se apresenta como um “clique”, quando as coisas ocupam seu lugar correto, quando as coisas se encaixam. É algo como um “clique da coerência”. A

satisfação, assim, é mais imediata do que um modelo causal-mecanicista poderia implicar.

## Referências

- BUCHHOLZ, K. *Compreender Wittgenstein*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- CHAUVIRÉ, C. *Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- DUFRENNE, MMikel. *Estética e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CRESPO, N. *Wittgenstein e a estética*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2011.
- GLOCK, H. J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GEBAUER, G. *O pensamento antropológico de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GOEHR, A. Schoenberg and Kraus: The idea behind the music. *Music Analysis*, London: v.4, n.1/2, p. 59-71, março - julho, 1985.
- JANIK, A; TOULMIN, S. *A Viena de Wittgenstein: A Viena dos Habsburgos antes da I Guerra Mundial e as fascinantes pessoas que a compunham: Sigmund Freud, Gustav Klimt, Adolph Loos, Oskar Kokoschka, Arnold Schonberg e Ludwig Wittgenstein, um dos mais importantes filósofos do século*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- JANKÉLÉVITCH, V. *La musique et l'ineffable*. Paris: Seuil, 1983.
- SALLES, J. C. *O retrato do vermelho e outros ensaios*. Salvador: Ed. Quarteto, 2006.
- SCHORSKE, C. E. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHROEDER, S. Wittgenstein and aesthetics. *A companion to Wittgenstein*. John Wiley & Sons, 2017.
- TOLSTOI, L. *O que é arte?* São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2016.
- VALLE, B. *Wittgenstein: a forma do silêncio e a forma da palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e cotidiano: variações a partir de Investigações Filosóficas de Ludwig Wittgenstein. Wittgenstein em Retrospectiva*. Florianópolis: UFSC, 2012.
- WITTGENSTEIN, L. *Aulas e conversas sobre estética, psicologia e fé religiosa*. Lisboa: Cotovia, 1991. [AC]
- \_\_\_\_\_. *Anotações sobre as cores*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e valor*. Lisboa: Edições 70, 1996. [CV]
- \_\_\_\_\_. *Fichas (ZETTEL)*. Lisboa: Edições 70, 1981. [Z]
- \_\_\_\_\_. *Gramática filosófica*. São Paulo: Loyola, 2003. [GF]
- \_\_\_\_\_. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2009. [IF]
- \_\_\_\_\_. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 1993. [TLP]

Recebido em: 26/02/2018  
Aprovado em: 11/07/2018